
Nota:

Recorte do Jornal Correio Popular

Matéria publicada na edição de 11 de Agosto de 2008

Autor: Carlota Cafiero

Fonte: Arquivo Pessoal de Geraldo Porto

Vanguarda = ousadia

/ ARTES / Há 50 anos, grupo de artistas campineiros desafiou o coro dos contentes

Carliota Caliero
DIREÇÃO: MANUANGERA
carliota@rac.com.br

Há 50 anos, um grupo de artistas e intelectuais surgia para desafiar o coro dos contentes com as belas artes em Campinas. Era o Grupo Vanguarda, que tinha como princípio o "movimento antimodorra" por uma "arte atual, pela renovação/revificação constante e progressiva", como diz o manifesto publicado em junho de 1958, no jornal do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA). As artes plásticas em Campinas despojavam-se definitivamente das normas do academicismo.

Mostra homenageia movimento que durou até 1966

O Vanguarda durou até 1966, agregando 11 artistas (leia quadro nesta página) — sendo nove pintores, um gravador e um escultor — em torno do objetivo de renovar as artes visuais do Interior, inserindo Campinas no circuito nacional da arte contemporânea. Alguns integrantes, como Franco Sacchi, Maria Helena Motta Paes e Bernardo Caro, participaram das primeiras edições da Bienal de São Paulo e entre as conquistas do grupo está a fundação do Museu de Arte Contemporânea de Campinas "José Pancetti" (Macc), em 1965.

Além da usadia apresentada em telas, esculturas e gravuras, os integrantes do Vanguarda tinham em comum a aversão à ideia do artista como ser predestinado, dono dos "segredos das artes". Tanto que escreveram no manifesto: "interessa a obra em si, não o nome que a assina". Conservam o mesmo espírito humilde e democrático os dois remanescentes do grupo: Francisco Biojone, aos 70 anos, e Thomaz Perina, de 87, que continuam produzindo intensamente.

Em homenagem ao cinqüentenário de fundação do Vanguarda e aos grandes nomes que renovaram as artes plásticas em Campinas, a Galeria de Arte da Unicamp/IA está expondo 20 obras desses artistas, sendo 15 do próprio acervo e cinco das coleções particulares de Biojone e Perina. A galeria possui cerca de 600 obras em sua reserva técnica, sendo quase 300 somente de Mário Bueno, um dos artistas do Vanguarda.

Com curadoria de Marco do Valle e Geraldo Porto, a mostra revela a heterogeneidade de formas e conteúdos das obras, revelando que o grupo não se preocupava em seguir uma só tendência ou estilo. "O Grupo Vanguarda produziu uma arte mais moderna e sintonizada com seu tempo, pois, até então, os artistas eram muito românticos", diz Porto. Para Marco do Valle — que assumiu a coordenação da Galeria da Unicamp este ano —, o "Vanguarda não era apenas uma referência aos movimentos modernos, mas dizia também respeito à própria implantação da arte contemporânea em um novo terreno após a bomba atômica e a Segunda Guerra".

Em cartaz até final de agosto, a exposição 50 Anos — Grupo Vanguarda reúne gravuras, aquarelas, desenhos, serigrafia, colagens e pinturas a óleo, acrílica e PVA (látex), fi-

SAIBA MAIS

Quem foi quem no Grupo Vanguarda



Bernardo Caro (1931-2007)
Gravador e pintor. Nasceu em Itabira (SP) e radicou-se em Campinas em 1933.

Autodidata, integrou-se ao Grupo Vanguarda em 1964. Participou de mais de dez bienais de São Paulo



Edoardo Belgrado (1919 - 1999)
Nascido na Itália, estudou em Veneza, onde cursou arquitetura e belas artes. Veio para o Brasil em

1953, para fixar-se em Campinas. Foi, ao lado de Raul Porto, o fundador do Vanguarda, em 1958



Enéas Dedecca (1929-2004)
Nasceu na cidade de Rio Branco (MG). Autodidata, começou na pintura acadêmica e passou depois

para a paisagem abstrata. Entrou para o Vanguarda em 1960



Francisco Biojone (1934)
Campineiro, ainda criança iniciou-se na pintura, sob orientação de professores acadêmicos.

Rebelde, passou a pintar de forma particular, sem seguir as técnicas rígidas do academicismo



Franco Sacchi (1902-1972)
Nascido em Milão, na Itália, veio ao Brasil em 1948, fixando-se em Campinas três meses depois. Seu

ateliê ficava ao lado do Teatro Municipal Carlos Gomes, de onde acompanhava o movimento artístico da cidade



Geraldo Jørgensen (1927-1993)
Campineiro, iniciou-se na pintura com aquarelas impressionistas. Ao cursar

arquitetura, no Rio de Janeiro, travou contato com as tendências modernas. Entrou para o Vanguarda como escultor

MANIFESTO

Grupo Vanguarda de Campinas

como princípio antes de tudo: movimento antimodorra
predicado essencial: fazer

fazer conscientemente: ir ao âmago da coisa por uma arte atual

pela renovação/revificação constante e progressiva pela comunicação dos chamados "segredos da arte" anitubirris eburnea

contra a reserva dos mestres que guardam para si o pulo do gato

por uma crítica partindo do exame da coisa feita NÃO "crítica 8 ou 80" afirmação ou negação apoiada em pontos estranhos ao objeto

Interessa a obra em si s/ valor atual não o nome que a assina pelo surgimento de uma atitude de debate não basta dizer: isto é bom isto não presta cabe dizer: porque é bom ou porque não presta

contra a cultura de almanaque contra a crítica à moda blackwood

cumpro livrar a arte do misticismo inoculado pelos medalhões

asas conscientes fuga porém sabendo os liames

pela divulgação escrever nos muros e andaimas se for preciso arte para o lado de fora dos museus e das galerias fechadas coerência com o atual estágio evolutivo da civilização

um poema é um poema uma tela é uma tela

coisas não necessariamente ligadas a uma ideia determinada do tipo esforço de expressão surgiram

sobrepõe-se aos falsos estetas que usam vocabulário emprestado a tratados superados aos escribas que pretendem que uma andorinha modelada no bronze deva ter penas e cheiro de andorinha propor/mostrar/demonstrar/fazer/refazer/renovar

atitude de luta: anti-expectativa

conciliação de vetores numa ampla resultante: renovação

não seremos veios amantia porque levamos mudado artistas are as antenas of the race (pound) comunicação não/with usura/ comunicação para arte presente

arte hoje fora com os burgomestres falantes & vazios fora com os fritadores de boletins

Alberto Amêndola Heinzl
Alfredo Procaccio
Edoardo Belgrado
Franco Sacchi
Geraldo Jørgensen
Geraldo de Souza
Maria Helena Motta Paes
Mário Bueno
Raul Porto
Thomaz Perina



Geraldo de Souza (1922-1970)
Nasceu em Sumaré e veio criança para Campinas.

Foi aluno de Thomaz Perina e envolveu-se profundamente com a produção cultural da cidade, escrevendo para jornal, fazendo palestras e integrando juris em salões de arte



Maria Helena Motta Paes (1937-2002)
Nascida no Rio de Janeiro, iniciou

carreira artística no Grupo Vanguarda. Realizou exposições no Japão e Estados Unidos e participou das 7ª e 9ª bienais de arte de São Paulo



Mário Bueno (1916-2001)
Autodidata, ex-ferroviário, começou a pintar paisagens

em 1943. Com Thomaz Perina, passou a pintar paisagens mais subjetivas e empagou cores acris, ferrugens e cinzas



Raul Porto (1936-1998)
Natural de Dois Córregos (SP), radicou-se em

Campinas em 1938. Poeta e jornalista, o desenhista uniu-se a artistas modernistas e fundou o Grupo Vanguarda, ao lado de Belgrado



Thomaz Perina (1920)
Nascido em Campinas, pintou desde criança. Sua carreira tem

início em 1944, com participação em salões de belas artes da cidade. Autodidata, também fez decoração, cenografia e ornamentação arquitetônica de prédios públicos



Exposição reúne gravuras, aquarelas, desenhos, serigrafia, colagens, pinturas a óleo e documentos

gurativas, abstratas, concretas ou geométricas, datadas de antes até várias décadas depois do Grupo Vanguarda, no caso das telas de Perina e Biojone. Há, ainda, documentos da época, como folders, cartazes, fotos e reportagens sobre exposições realizadas pelos artistas campineiros no Brasil e no Exterior.

História

Na abertura realizada na segunda passada, Francisco Biojone esteve presente e reafirmou o espírito despojado que identificou o Vanguarda: "O grupo era contra o pedestal. O que fica daquele tempo são as amizades feitas. Conversávamos sobre tudo, não só sobre arte, mas também sobre a vi-

da. O resto é história". Biojone participa da exposição com a tela intitulada *Mar XX*, de 2007, em acrílica.

A parceria entre os artistas era tanta que algumas obras expostas na Unicamp carregam dupla autoria. É o caso do alumínio marchetado por Franco Sacchi intitulado *Madama*, sobre desenho de Tho-

maz Perina, que dividiu também a realização de uma pintura com Mário Bueno, em 1954. Intitulada *Ferrovia*, a obra carrega tema caro aos dois artistas: os vagões de trem e a Vila Industrial, bairro que declaradamente amaram e de onde nunca saíram — ambos pintavam juntos ao ar livre.

Sobre o trabalho do Vanguarda, escreveu, em 1991, o crítico Marc Berkowitz: "É preciso que o Rio de Janeiro, que ainda é o centro cultural do País, conheça melhor a produção dos artistas do Interior, sobretudo quando, nesse caso, 'Interior' significa uma cidade da importância de Campinas".

Também estiveram na abertura da exposição na Unicamp o cineasta e fotógrafo Henrique de Oliveira Jr. — que realizou filmes sobre os artistas do Vanguarda ou em parceria com eles, como *Tabela* (1977), com direção de Bernardo Caro, e *A Máquina uma Vida* (1980), baseado na obra de Edoardo Belgrado; a historiadora Dayz Peixoto Fonseca; a sobrinha e principal modelo de Thomaz Perina, Lília Parada; e as filhas de Bernardo Caro, Sandra e Mariângela, que unem forças para a criação da Fundação Bernardo Caro.

Rompimento com belas artes foi em 1957

No final da década de 50, após mais de três décadas da realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo, ainda não existia em Campinas um espaço para a exposição de obras que não seguissem as normas da pintura clássica e acadêmica. O único lugar dedicado a revelar artistas do Interior era o Salão de Belas Artes de Campinas, resgado no espaço do Teatro Municipal Carlos Gomes (derribado em 1965). Na organização, estava o reconhecido pintor acadêmico Aldo Cardarelli, entre outros.

Na 12ª edição do salão, em 1956, são premiados oito campineiros, entre eles Thomaz Perina, Geraldo de Souza, Enéas Dedecca e Geraldo Jørgensen. "Os ventos da modernidade chegavam levemente àquele sagião", lembra o ensaísta José Armando Pereira da Silva no livro *Provincia e Vanguarda*.

O rompimento com as belas artes se dá no ano seguinte, quando no mesmo sagião é realizada a 1ª Exposição de Arte Contemporânea de Campinas, com obras de Perina, Souza, Jørgensen e Dedecca mais Mário Bueno, Maria Helena Motta Paes, Raul Porto, Francisco Biojone e os italianos Edoardo Belgrado e Franco Sacchi (que tinha participado da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951), que vieram a tornar, em 1960, o Grupo Vanguarda — Bernardo Caro só entraria para o grupo em 1964.

A relação de Raul Porto com a arte concreta traria a uma das exposições em Campinas o poeta Décio Pignatari, de São Paulo, o que levaria o grupo a expor na Galeria das Folhas, na Capital, em agosto de 1959, com catálogo e apresentação de Waldemar Cordeiro. Sem qualquer "atitude generosa como se estivesse diante de uma equipe provinciana", o crítico José Geraldo Vieira analisou cada obra.

É importante ressaltar que o grande aglutinador de artistas em torno da atualização das artes visuais em Campinas foi Thomaz Perina, professor de desenho e pintura de Geraldo de Souza, Biojone e Maria Helena, além de vários outros nomes. Foi ele que, após visitar a 1ª Bienal de São Paulo, voltou impactado e incentivou, em 1953, a realização de uma exposição de trabalhos modernistas, sob reação dos acadêmicos. (CC/AAN)

Em homenagem ao cinqüentenário de fundação do Vanguarda e aos grandes nomes que renovaram as artes plásticas em Campinas, a Galeria de Arte da Unicamp/IA está expondo 20 obras desses artistas, sendo 15 do próprio acervo e cinco das coleções particulares de Biojone e Perina. A galeria possui cerca de 600 obras em sua reserva técnica, sendo quase 300 somente de Mário Bueno, um dos artistas do Vanguarda.

Com curadoria de Marco do Valle e Geraldo Porto, a mostra revela a heterogeneidade de formas e conteúdos das obras, revelando que o grupo não se preocupava em seguir uma só tendência ou estilo. "O Grupo Vanguarda produziu uma arte mais moderna e sintonizada com seu tempo, pois, até então, os artistas eram muito românticos", diz Porto. Para Marco do Valle — que assumiu a coordenação da Galeria da Unicamp este ano —, o "Vanguarda não era apenas uma referência aos movimentos modernos, mas dizia também respeito à própria implantação da arte contemporânea em um novo terreno após a bomba atômica e a Segunda Guerra".

Em cartaz até final de agosto, a exposição 50 Anos — Grupo Vanguarda reúne gravuras, aquarelas, desenhos, serigrafia, colagens e pinturas a óleo, acrílica e PVA (látex), fi-

SAIBA MAIS

✓ **Q**ue: Exposição 50 Anos do Grupo Vanguarda

✓ **Quando:** De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h, até 2/8

✓ **Onde:** Galeria de Artes Unicamp/IA, térreo da Biblioteca Central "César Lattes" (Rua Sérgio Buarque de Holanda, s/nº, Cidade Universitária, fone: 3521-6561)

✓ **Quanto:** Entrada franca

Vanguarda = ousadia

/ ARTES / Há 50 anos, grupo de artistas campineiros desafinou o coro dos contentes

Carliota Cafiero
DAAGÊNCIA ANHANGÜERA
carliota@rac.com.br

Há 50 anos, um grupo de artistas e intelectuais surgia para desafinar o coro dos contentes com as belas artes em Campinas. Era o Grupo Vanguarda, que tinha como princípio o "movimento antimodorra" por uma "arte atual, pela renovação/revificação constante e progressiva", como diz o manifesto publicado em junho de 1958, no jornal do Centro de Ciências, Letras e Artes

SAIBA MAIS

Quem foi quem no Grupo Vanguarda



Bernardo Caro (1931-2007)
Gravador e pintor. Nasceu em Itatiba (SP) e radicou-se em Campinas em 1933. Autodidata, integrou-se ao Grupo Vanguarda em 1964. Participou de mais de dez bienais de São Paulo



Edoardo Belgrado (1919-1999)
Nascido na Itália, estudou em Veneza, onde cursou arquitetura e belas artes. Veio para o Brasil em 1953, para fixar-se em Campinas. Foi, ao lado de Raul Porto, o

MANIFESTO

Grupo Vanguarda de Campinas

como princípio antes de tudo: movimento antimodorra

predicado essencial: fazer por uma arte atual

fazer conscientemente: ir ao âmago da coisa pela renovação/revificação constante e progressiva

pelos meios da comunicação dos chamados "segredos da arte": antitúris eburnea

contra a reserva dos mestres que guardam para si o pulo do gato

por uma crítica partindo do exame da coisa feita NÃO "crítica 8 ou 80" afirmação ou negação apoiada em pontos estranhos ao objeto

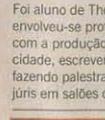
interessa a obra em si s/ valor atual não o nome que a assina

pelo surgimento de uma atitude de debate não basta dizer: isto é bom isto não presta

cabe dizer: porque é bom ou porque não presta



Geraldo de Souza (1922-1970)
Nasceu em Sumaré e veio criança para Campinas. Foi aluno de Thomaz Perina e envolveu-se profundamente com a produção cultural da cidade, escrevendo para jornal, fazendo palestras e integrando júris em salões de arte



Maria Helena Motta Paes (1937-2005)
Nascida no Rio de Janeiro, iniciou



carreira artística no Grupo

Rompimento com belas artes foi em 1957

No final da década de 50, após mais de três décadas da realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo, ainda não existia em Campinas um espaço para a exposição de obras que não seguissem as normas da pintura clássica e acadêmica. O único lugar dedicado a revelar artistas do Interior era o Salão de Belas Artes de Campinas, realizado no saguão do Theatro Municipal Carlos Gomes (derrubado em 1965). Na organização, estava o reconhecido

/ ARTES / Há 50 anos, grupo de artistas campineiros desafinou o coro dos contentes

Carliota Cafiero
DAAGÊNCIA ANHANGÜERA
carliota@rac.com.br

Há 50 anos, um grupo de artistas e intelectuais surgia para desafinar o coro dos contentes com as belas artes em Campinas. Era o Grupo Vanguarda, que tinha como princípio o "movimento antimodorra" por uma "arte atual, pela renovação/revificação constante e progressiva", como diz o manifesto publicado em junho de 1958, no jornal do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA). As artes plásticas em

SAIBA MAIS

Quem foi quem no Grupo Vanguarda



Bernardo Caro (1931-2007)
Gravador e pintor. Nasceu em Itatiba (SP) e radicou-se em Campinas em 1933. Autodidata, integrou-se ao Grupo Vanguarda em 1964. Participou de mais de dez bienais de São Paulo



Edoardo Belgrado (1919-1999)
Nascido na Itália, estudou em Veneza, onde cursou arquitetura e belas artes. Veio para o Brasil em 1953, para fixar-se em Campinas. Foi, ao lado de Raul Porto, o fundador do Vanguarda, em 1958

MANIFESTO

Grupo Vanguarda de Campinas

como princípio antes de tudo: movimento antimodorra

predicado essencial: fazer por uma arte atual

fazer conscientemente: ir ao âmago da coisa pela renovação/revificação constante e progressiva

pelos meios da comunicação dos chamados "segredos da arte": antitúris eburnea

contra a reserva dos mestres que guardam para si o pulo do gato

por uma crítica partindo do exame da coisa feita NÃO "crítica 8 ou 80" afirmação ou negação apoiada em pontos estranhos ao objeto

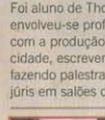
interessa a obra em si s/ valor atual não o nome que a assina

pelo surgimento de uma atitude de debate não basta dizer: isto é bom isto não presta

cabe dizer: porque é bom ou porque não presta



Geraldo de Souza (1922-1970)
Nasceu em Sumaré e veio criança para Campinas. Foi aluno de Thomaz Perina e envolveu-se profundamente com a produção cultural da cidade, escrevendo para jornal, fazendo palestras e integrando júris em salões de arte



Maria Helena Motta Paes (1937-2005)
Nascida no Rio de Janeiro, iniciou



carreira artística no Grupo

Rompimento com belas artes foi em 1957

No final da década de 50, após mais de três décadas da realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo, ainda não existia em Campinas um espaço para a exposição de obras que não seguissem as normas da pintura clássica e acadêmica. O único lugar dedicado a revelar artistas do Interior era o Salão de Belas Artes de Campinas, realizado no saguão do Theatro Municipal Carlos Gomes (derrubado em 1965). Na organização, estava o reconhecido pintor acadêmico Aldo Cardarelli, entre outros.

1958, no jornal do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA). As artes plásticas em Campinas despojavam-se definitivamente das normas do academicismo.

Mostra homenageia movimento que durou até 1966

O Vanguarda durou até 1966, agregando 11 artistas (leia quadro nesta página) — sendo nove pintores, um gravador e um escultor — em torno do objetivo de renovar as artes visuais do Interior, inserindo Campinas no circuito nacional da arte contemporânea. Alguns integrantes, como Franco Sacchi, Maria Helena Motta Paes e Bernardo Caro, participaram das primeiras edições da Bienal de São Paulo e entre as conquistas do grupo está a fundação do Museu de Arte Contemporânea de Campinas "José Pancetti" (Macc), em 1965.

Além da ousadia apresentada em telas, esculturas e gravuras, os integrantes do Vanguarda tinham em comum a

Foi, ao lado de Raul Porto, o fundador do Vanguarda, em 1958



Eneas Dedecca (1929-2004)
Nasceu na cidade de Rio Branco (MG). Autodidata, começou na pintura acadêmica e passou depois para a paisagem abstrata. Entrou para o Vanguarda em 1960



Francisco Biojone (1934)
Campineiro, ainda criança iniciou-se na pintura, sob orientação de professores acadêmicos. Rebelde, passou a pintar de forma particular, sem seguir as técnicas rígidas do academicismo



Franco Sacchi (1902-1972)
Nascido em Milão, na Itália, veio ao Brasil em 1948, fixando-se em Campinas três meses depois. Seu ateliê ficava ao lado do Teatro

não basta dizer: isto é bom isto não presta

cabe dizer: porque é bom ou porque não presta

contra a cultura de almanaque contra a crítica à moda blackwood

cumprir a arte do misticismo inoculado pelos medalhões

asas conscientes fuga porém sabendo os líames

pela divulgação escrever nos muros e andaimes se for preciso

arte para o lado de fora dos museus e das galerias fechadas coerência com o atual estágio evolutivo da civilização

um poema é um poema uma tela é uma tela

coisas não necessariamente ligadas a uma idéia determinada de cujo esforço de expressão surgiram

sobrepôr-se aos falsos estetas que usam vocabulário emprestado a tratados superados

aos escribas que pretendem que uma andorinha modelada no bronze devesse ter penas e cheiro de andorinha

propor/mostrar/demonstrar/fazer/refazer/renovar

atitude de luta: anti-expectativa

conciliação de vetores numa ampla resultante: renovação

não seremos velhos amanhã porque teremos mudado

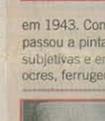
artists are the antennas of the race (pound)



Mário Bueno (1916-2001)
Autodidata, ex-ferroviário, começou a pintar paisagens em 1943. Com Thomaz Perina, passou a pintar paisagens mais subjetivas e empregar cores ocres, ferrugens e cinzas



Raul Porto (1936-1999)
Natural de Dois Córregos (SP), radicou-se em Campinas em 1938. Poeta e jornalista, o desenhista uniu-se a artistas modernistas e fundou o Grupo Vanguarda, ao lado de Belgrado



estava o reconhecido pintor acadêmico Aldo Cardarelli, entre outros. Na 12ª edição do salão, em 1956, são premiados oito campineiros, entre eles Thomaz Perina, Geraldo de Souza, Eneas Dedecca e



Os ventos da modernidade chegavam levemente àquele saguão", lembra o ensaísta José Armando Pereira da Silva no livro *Provincia e Vanguarda*. O rompimento com as belas artes se dá no ano seguinte, quando no mesmo saguão é realizada a 1ª Exposição de Arte Contemporânea de Campinas, com obras de Perina, Souza, Jürgensen e Dedecca mais Mário Bueno, Maria Helena Motta Paes, Raul Porto, Francisco Biojone e os italianos Edoardo Belgrado e Franco Sacchi (que tinha participado da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951), que vieram a formar, em 1958, o Grupo Vanguarda — Bernardo Caro só entraria para o grupo em 1964.

academicismo.

Mostra homenageia movimento que durou até 1966

O Vanguarda durou até 1966, agregando 11 artistas (leia quadro nesta página) — sendo nove pintores, um gravador e um escultor — em torno do objetivo de renovar as artes visuais do Interior, inserindo Campinas no circuito nacional da arte contemporânea. Alguns integrantes, como Franco Sacchi, Maria Helena Motta Paes e Bernardo Caro, participaram das primeiras edições da Bienal de São Paulo e entre as conquistas do grupo está a fundação do Museu de Arte Contemporânea de Campinas (Macc), em 1965.

Além da ousadia apresentada em telas, esculturas e gravuras, os integrantes do Vanguarda tinham em comum a aversão à ideia do artista como ser predestinado, dono dos "segredos das artes". Tanto que escreveram no manifesto: "interessa a obra em si, não o nome que a assina". Conservam o mesmo espírito humilde e democrático os dois remanescentes do grupo: Francisco Biojone, aos 70 anos, e Thomaz Perina, de 87, que continuam produzindo intensamente.

Em homenagem ao cinquentenário de fundação do Vanguarda e aos grandes nomes que renovaram as artes plásticas em Campinas, a Galeria de Arte da Unicamp/IA está expondo 20 obras desses artistas, sendo 15 do próprio acervo e cinco das coleções particulares de Biojone e Perina. A galeria possui cerca de 600 obras em sua reserva técnica, sendo quase 300 somente de Mário Bueno, um dos artistas do Vanguarda.

Com curadoria de Marco

Mário Bueno (1916-2001)
Autodidata, ex-ferroviário, começou a pintar paisagens para a paisagem abstrata. Entrou para o Vanguarda em 1960

Francisco Biojone (1934)
Campineiro, ainda criança iniciou-se na pintura, sob orientação de professores acadêmicos. Rebelde, passou a pintar de forma particular, sem seguir as técnicas rígidas do academicismo

Franco Sacchi (1902-1972)
Nascido em Milão, na Itália, veio ao Brasil em 1948, fixando-se em Campinas três meses depois. Seu ateliê ficava ao lado do Teatro Municipal Carlos Gomes, de onde acompanhava o movimento artístico da cidade

Geraldo Jürgensen (1927-1993)
Campineiro, iniciou-se na pintura com aquarelas impressionistas. Ao cursar arquitetura, no Rio de Janeiro, travou contato com as tendências modernas. Entrou para o Vanguarda como escultor

cumprir a arte do misticismo inoculado pelos medalhões
asas conscientes
fuga porém sabendo os liames
pela divulgação
escrever nos muros e andaimes se for preciso
arte para o lado de fora dos museus e das galerias fechadas
coerência com o atual estágio evolutivo da civilização

um poema é um poema
uma tela é uma tela
coisas não necessariamente ligadas
a uma ideia determinada
de cujo esforço de expressão surgiram
sobrepor-se aos falsos estetas que usam vocabulário emprestado
a tratados superados
aos escribas que pretendem que uma andorinha modelada no bronze
deva ter penas e cheiro de andorinha
propor/mostrar/demonstrar/fazer/refazer/renovar

atitude de luta: anti-expectativa
conciliação de vectores numa ampla resultante:
renovação
não seremos velhos amanhã porque teremos mudado
artists are the antennas of the race (pound)
comunicação não/with usura/
comunicação para arte presente

arte hoje
fora com os burgomestres falantes & vazios
fora com os fritadores de bolinhos

- Alberto Amêndola Heinzl
- Alfredo Procaccio
- Edoardo Belgrado
- Franco Sacchi
- Geraldo Jürgensen
- Geraldo de Souza
- Maria Helena Motta Paes
- Mário Bueno
- Raul Porto
- Thomaz Perina

Unidos e participou das 7ª e 9ª bienais de arte de São Paulo

Mário Bueno (1916-2001)
Autodidata, ex-ferroviário, começou a pintar paisagens em 1943. Com Thomaz Perina, passou a pintar paisagens mais subjetivas e empregar cores acres, ferrugens e cinzas

Raul Porto (1936-1999)
Natural de Dois Córregos (SP), radicou-se em Campinas em 1938. Poeta e jornalista, o desenhista uniu-se a artistas modernistas e fundou o Grupo Vanguarda, ao lado de Belgrado

Thomaz Perina (1920)
Nascido em Campinas, pintor desde criança. Sua carreira tem início em 1944, com participação em salões de belas artes da cidade. Autodidata, também fez decoração, cenografia e ornamentação arquitetônica de prédios públicos

Thomaz Perina (1920)
Nascido em Campinas, pintor desde criança. Sua carreira tem início em 1944, com participação em salões de belas artes da cidade. Autodidata, também fez decoração, cenografia e ornamentação arquitetônica de prédios públicos

início em 1944, com participação em salões de belas artes da cidade. Autodidata, também fez decoração, cenografia e ornamentação arquitetônica de prédios públicos

Thomaz Perina, que dividiu também a realização de uma pintura com Mário Bueno, em 1954. Intitulada *Ferrovia*, a obra carrega tema caro aos dois artistas: os vagões de trem e a Vila Industrial, bairro que declaradamente amaram e de onde nunca saíram — ambos pintavam juntos ao ar li-



Elcio Alves/AAN

Em homenagem ao cinquentenário de fundação do Vanguarda e aos grandes nomes que renovaram as artes plásticas em Campinas, a Galeria de Arte da Unicamp/IA está expondo 20 obras desses artistas, sendo 15 do próprio acervo e cinco das coleções particulares de Biojone e Perina. A galeria possui cerca de 600 obras em sua reserva técnica, sendo quase 300 somente de Mário Bueno, um dos artistas do Vanguarda.

Com curadoria de Marco do Valle e Geraldo Porto, a mostra revela a heterogeneidade de formas e conteúdos das obras, revelando que o grupo não se preocupava em seguir uma só tendência ou estilo. "O Grupo Vanguarda produziu uma arte mais moderna e sintonizada com seu tempo, pois, até então, os artistas eram muito românticos", diz Porto. Para Marco do Valle — que assumiu a coordenação da Galeria da Unicamp este ano —, o "Vanguarda não era apenas uma referência aos movimentos modernos, mas dizia também respeito à própria implantação da arte contemporânea em um novo terreno após a bomba atômica e a Segunda Guerra".

Em cartaz até final de agosto, a exposição 50 Anos — Grupo Vanguarda reúne gravuras, aquarelas, desenhos, serigrafia, colagens e pinturas a óleo, acrílica e PVA (látex), fi-

contato com as tendências modernas. Entrou para o Vanguarda como escultor



Elcio Alves/AAN

Exposição reúne gravuras, aquarelas, desenhos, serigrafia, colagens, pinturas a óleo e documentos

gurativas, abstratas, concretas ou geométricas, datadas de antes até várias décadas depois do Grupo Vanguarda, no caso das telas de Perina e Biojone. Há, ainda, documentos da época, como folders, cartazes, fotos e reportagens sobre exposições realizadas pelos artistas campineiros no Brasil e no Exterior.

História
Na abertura realizada na segunda passada, Francisco Biojone esteve presente e reafirmou o espírito despojado que identificou o Vanguarda: "O grupo era contra o pedestal. O que fica daquele tempo são as amizades feitas. Conversávamos sobre tudo, não só sobre arte, mas também sobre a vida. O resto é história". Biojone participa da exposição com a tela intitulada *Mar XX*, de 2007, em acrílica.
A parceria entre os artistas era tanta que algumas obras expostas na Unicamp carregam dupla autoria. É o caso do alumínio marchetado por Franco Sacchi intitulado *Madona*, sobre desenho de Tho-

mação arquitetônica de prédios públicos

mação arquitetônica de prédios públicos

Sobre o trabalho do Vanguarda, escreveu, em 1981, o crítico Marc Berkowitz: "É preciso que o Rio de Janeiro, que ainda é o centro cultural do País, conheça melhor a produção dos artistas do Interior, sobretudo quando, nesse caso, 'Interior' significa uma cidade de importância de Campinas".

Também estiveram na abertura da exposição na Unicamp o cineasta e fotógrafo Henrique de Oliveira Jr. — que realizou filmes sobre os artistas do Vanguarda ou em parceria com eles, como Tabela (1977), com direção de Bernardo Caro, e *A Máquina uma Vida* (1980), baseada na obra de Edoardo Belgrado; a historiadora Dayz Peixoto Fonseca; a sobrinha e principal modelo de Thomaz Perina, Lília Parada; e as filhas de Bernardo Caro, Sandra e Mariângela, que unem forças para a criação da Fundação Bernardo Caro.

campineiros, entre eles Thomaz Perina, Geraldo de Souza, Enéas Dedecca e Geraldo Jürgensen. "Os ventos da modernidade chegavam levemente àquele sagüão", lembra o ensaísta José Armando Pereira da Silva no livro *Provincia e Vanguarda*. O rompimento com as belas artes se dá no ano seguinte, quando no mesmo sagüão é realizada a 1ª Exposição de Arte Contemporânea de Campinas, com obras de Perina, Souza, Jürgensen e Dedecca mais Mário Bueno, Maria Helena Motta Paes, Raul Porto, Francisco Biojone e os italianos Edoardo Belgrado e Franco Sacchi (que tinha participado da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951), que vieram a formar, em 1958, o Grupo Vanguarda — Bernardo Caro só entraria para o grupo em 1964. A relação de Raul Porto com a arte concreta traria a uma das exposições em Campinas o poeta Décio Pignatari, de São Paulo, o que levaria o grupo a expor na Galeria das Folhas, na Capital, em agosto de 1959, com catálogo e apresentação de Waldemar Cordeiro. Sem qualquer "atitude generosa como se estivesse diante de uma equipe provinciana", o crítico José Geraldo Vieira analisou cada obra.

É importante ressaltar que o grande aglutinador de artistas em torno da atualização das artes visuais em Campinas foi Thomaz Perina, professor de desenho e pintura de Geraldo de Souza, Biojone e Maria Helena, além de vários outros nomes. Foi ele que, após visitar a 1ª Bienal de São Paulo,

dante de uma equipe provinciana", o crítico José Geraldo Vieira analisou cada obra.

É importante ressaltar que o grande aglutinador de artistas em torno da atualização das artes visuais em Campinas foi Thomaz Perina, professor de desenho e pintura de Geraldo de Souza, Biojone e Maria Helena, além de vários outros nomes. Foi ele que, após visitar a 1ª Bienal de São Paulo, voltou impactado e incentivou, em 1953, a realização de uma exposição de trabalhos modernistas, sob reação dos acadêmicos. (CC/AAN)

SAIBA MAIS

- ✓ **O quê:** Exposição 50 Anos do Grupo Vanguarda
- ✓ **Quando:** De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h, até 28/8
- ✓ **Onde:** Galeria de Artes Unicamp/IA, térreo da Biblioteca Central "César Lattes" (Rua Sérgio Buarque de Holanda, s/nº, Cidade Universitária, fone: 3521-6561)
- ✓ **Quanto:** Entrada franca